

TODA E QUALQUER COISA

12 MAIO A 26 MAIO - 2018



EXPOSIÇÃO DE PINTURA
ALUNOS DO MESTRADO
FBAUP



ORDEM DOS
ENGENHEIROS
TÉCNICOS

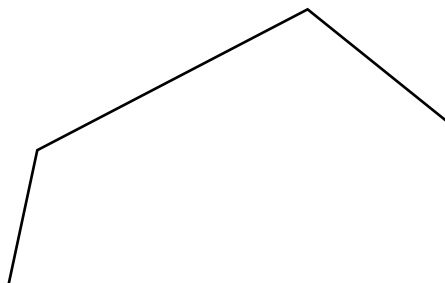
Saudação

A Secção Regional do Norte da OET – Ordem dos Engenheiros Técnicos, associação de direito público, representativa dos Engenheiros Técnicos, com estatuto aprovado pela Lei n.º 157/2015, de 17 de setembro, apresentou um pequeno desafio aos alunos do Mestrado da FBAUP (FACULDADE DE BELAS ARTES DA UNIVERSIDADE DO PORTO), no sentido de se realizar uma exposição colectiva de Pintura, a levar a efeito nas suas instalações sitas na Rua Pereira Reis, 429, PORTO.

Desafio aceite. TODA E QUALQUER COISA eis o tema proposto pelos alunos e que para além de ser imediatamente aceite, tem o condão de nos sugerir que a arte pode ser sempre ligada á engenharia de TODA a forma e sobre QUALQUER COISA que se projecta numa tela ou em qualquer outro material que de alguma forma a engenharia ajudou a criar.

É para mim enquanto membro individual e como Presidente da Secção Regional da Ordem dos Engenheiros Técnicos uma honra promover e levar a efeito esta exposição colectiva, dirigindo desde já as mais calorosas saudações a todos os alunos que tiveram a coragem de, pela primeira vez, e espero que ao longo dos anos de muitas outras realizações, apresentar as suas criações e o seu desenvolvimentos criativo.

António Augusto Sequeira Correia,
Presidente da Secção Regional do Norte da OET





Adrian Cevert

Cadu Peixoto

Dino Santos

Filipe Silva

Maria Cunha

Marta Peneda

Nuno Cordeiro

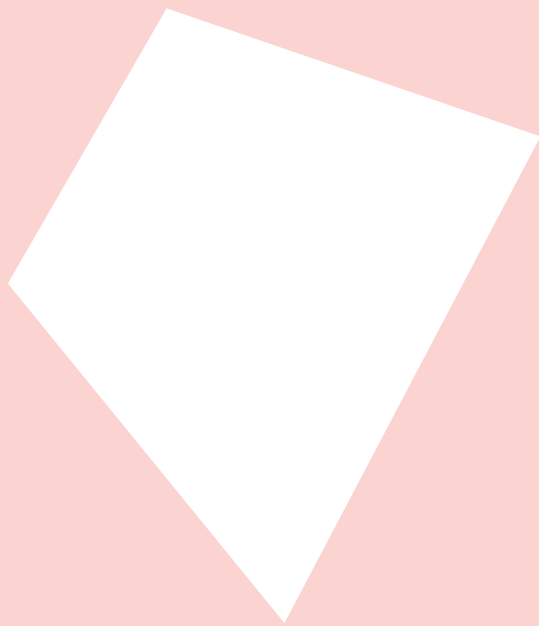
Óscar Almeida

O que cabe em uma pintura?

Normalmente pensamos em pintura nos moldes clássicos de representação – retrato, paisagem, corpo humano, abstração. Mas como representar/ou melhor, pintar, o vento, uma desilusão, a gravidade, um desejo, o tempo? Como falar sobre os dias de hoje, ou sobre uma saudade? Como traduzir tudo isso com materiais sobre uma superfície?

Não é através desse texto que tentaremos responder. É a Pintar.

Há um mundo a ser pintado. Não apenas retratado, mas sentido, traduzido, transmitido ou colorido. Ou tudo junto.



Um compromisso.

Num convite que não se declinou e se aceitou com generosidade, os estudantes de Estúdio de Pintura no Mestrado da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, aqui estão a dizer que a sua presença é a realidade que se escuta.

Com os sentidos todos presentes , e ainda essa vontade imensa de comunicar, assim se expõem, com a certeza de que com eles transportam uma mensagem de inquietação e de esperança, num mundo que estão a construir no dialogo de qualquer escala: a o do mundo todo, que não só o seu.

Um agradecimento à Ordem dos Engenheiros Técnicos, que quis abrir as portas da sua sede à expressão de cada um dos autores que hoje se apresentam, na expectativa de um maior compromisso de responsabilidade cívica e cultural desta sua Instituição.

Votos de um exercício pedagógico conseguido, de diálogo consequente, como de realização pessoal alcançada , são as nossas expectativas.

Francisco Laranjo

Professor Catedrático da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto

ADRIAN CEVERT



Adrian Cevert (Ourense, Espanha, 1991) é um artista galego que reside na atualidade no Porto, cidade em que está a estudar o curso de Mestrado em Artes Plásticas com especialidade em Pintura na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Depois de estudar o Grao en Comunicación Audiovisual e o Grao en Belas Artes na Universidade de Vigo na sua Galícia natal, lugar em que realizou várias exposições ao longo dos últimos anos. Desde o ano passado decidiu por ampliar suas fronteiras, pontos de vista e estudos no país vizinho.

Com interesse no que está a acontecer na sociedade contemporânea, a sua obra retrata os aspectos diários desta sociedade de uma forma abstrata através de manchas e cores aplicadas com subtilidade, mas também com muita ironia, presente, sobretudo, nos títulos das peças que costumam

servir de guia para a interpretação do discurso da obra.

Uma característica própria do seu trabalho é o uso de elementos - normalmente papéis- antigos que tira do seu contexto para introduzir na pintura uma vez que brinca com a sua linguagem mudando-a completamente e adaptando-a ao seu discurso. Numa tentativa de procurar uma poética visual, combina os elementos presentes nas composições em busca duma harmonia e subtilidade que seduza ao espectador.

Conversa entre artistas, 2018
25x20x2 cm
Óleo e collage sobre papel
vintage e lenço



- Mili paus, achto c. v.



Eu? Tu, 2018
80,5x65x2 cm
Óleo e collage sobre papel
vintage e lenço



Ford Cortina, 2018
80x60x2 cm
Óleo sobre papel vintage e
lenço



*No te metas pa' lo
hondo, 2018*
24x18x4 cm
Óleo sobre papel
vintage e lenço



*Tan solo un momento de
lucidez, 2018*
24x18x4 cm
Óleo sobre papel vintage e
lenço

CADU PEIXOTO



Cadu Peixoto, artista visual natural de Porto Alegre/RS, graduado no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É Um dos fundadores do Acervo Independente, espaço de arte localizado na capital gaúcha, responsável por inúmeras exposições, cursos e promoção de jovens artistas. Atualmente estuda no 1º ano de Mestrado em Pintura na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

“Um dos meus temas preferidos é a comunicação de massa, além da comunicação urbana. A contemporaneidade se caracteriza por uma sobreposição de tempo e espaço, tudo acontece junto ao mesmo tempo, e ocupam um mesmo lugar. Dessa forma a colagem funciona junto com a pintura, pois com a colagem pode-se deslocar tanto objetos, quanto espacialidades, fazendo jogos e brincando com a confusão que virou

nossa visualidade.

Quando olho para muros com restos de cartazes colados uns por cima dos outros, descascados, esbranquiçados pelo tempo o que vejo é pintura. Quando olho para um muro descascado, com restos de pichação, vincos e musgos, vejo pintura. Dessa forma, uso a acumulação das camadas da pintura como regra para outros tipos de desenvolvimento. Podemos acumular colagens, ou podemos acumular desenhos feitos, por exemplo, seguindo a mesma lógica da produção pictórica.

Há ainda também muitos materiais a serem explorados, tanto de suportes, quanto de matérias. Aproveito caixas de papel, cartazes (ou pedaços deles) retirado das paredes da cidade, ou páginas de revista, afinal de contas é da vida contemporânea que estou falando.



Multitela, 2018

90 x 150 cm

Acrílica, óleo, esmalte e
colagem sobre tela



You're not so special, 2018

28 x 20 cm

Óleo sobre papel de revista



Drops, 2018

70 x 126 cm

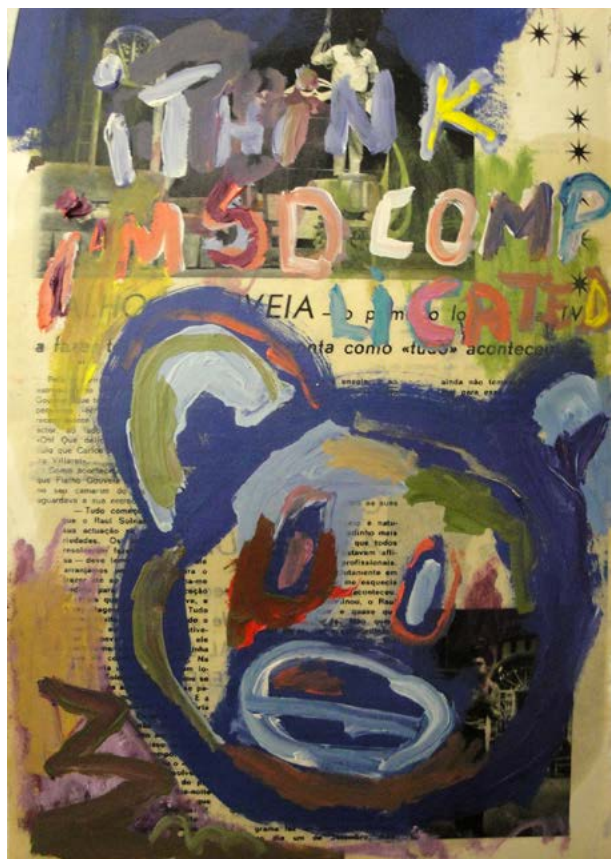
Acrílica, óleo e colagem
sobre cartão



Shaky, 2018

32 x 26 cm

Acrílica, pastel oleoso sobre
papel de revista



I think I'm so complicated,
2018

28 x 20 cm

Óleo sobre papel de revista



Multi, 2018

28 x 40 cm

Acrílica e óleo sobre papel
de revista

DINO SANTOS



Dino Santos, nasceu em 1995, em Leiria. Licenciado em Artes Plásticas pela Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha. Atualmente estuda no 1º ano de Mestrado em Pintura na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

O projeto que tem vindo a desenvolver está fundamentado em três assuntos principais: anatomia, desconstrução e movimento. É possível observar, no trabalho apresentado, a apropriação de imagens com fotografias de mulheres. Interessa analisar – de

acordo com o seu pensamento – o lado anatómico e expressivo dos rostos pintados. Através da triangulação de rostos e relações de perspectiva, cria relações de convergência e divergência entre o olhar e a posição destes, gerando um jogo com o espetador.

Sem Título, 2018
80 x 60 cm
Óleo sobre lona





Sem Título, 2018
70 x 90 cm
Óleo sobre lona



Sem Título, 2018
80 x 60 cm
Óleo sobre lona

FILIPE SILVA



Filipe Silva, natural da Ilha da Madeira, reside no Porto, cidade onde estuda. Licenciou-se na Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto, em Pintura, aí sendo Mestrando em Artes Plásticas. Participou nas seguintes exposições:

"Pisar a Linha" (como coordenador do projeto 112), 2013

1ª Bienal de Gaia, 2015

"Anamnese 17" (exposição colectiva dos alunos finalistas de pintura), 2017

Exposição colectiva " 8: 20, 8:23h", Museu da FBAUP, 2018

Exposição colectiva "Sin-cera", Galeria Rui Alberto, Porto, 2018

Exposição colectiva "Pressupõe-se morto", Galeria Porto Oriental, Porto, 2018

A minha pintura nasce de uma singularidade e diálogo entre pintor e o universo.

A espiritualidade é aqui questionada e por sua vez representada nas pausas - formando o silêncio da cor e forma.

Importa valorizar a simplicidade na pintura, trabalhar os seus primórdios através do lento processo da simplificação.

A aparição do círculo ou circunferência exhibe um geometrismo, sendo que estes entram em sintonia com a cor saturada e as linhas expressivas/ orgânicas criam um contraste junto das manchas planas. Estas figuras geométricas aparecem repetidamente e simbolizam a replicação, a insistência do Homem, a sua presença no mundo, um ciclo que acaba e de outro que se renova.

*Às vezes o conforto possui formas, 2018
20,5x15cm (4 peças)*

Ecoline e pastel de óleo sobre papel



MARIA CUNHA



Maria Luzia Cunha, nasceu em 1995, natural do Porto, Portugal. Vive e trabalha no mesmo local. Licenciada em Artes Plásticas (Pintura), na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Frequenta o Mestrado de Artes Plásticas (especialização em Pintura) da mesma Instituição.

“O ambiente e a paisagem. Uma relação do espaço de e com a memória: é uma paisagem que me habita e que existe fora do meu corpo.

Um exercício que em mim vive e é transportado para um suporte através de uma ação física e que existe num só momento: a memória de um espaço surge como um rasto. O que é feito, fica. Jogos de luz, de cores. Existe presente nos trabalhos uma crueza dos estudos, dos movimentos, de uma dança de texturas e sobreposições. Existe o sublime e o sensível no carácter

da ação. O acaso executado no momento da pintura contrasta com um percurso de visita e revisita de espaços naturais e do transportar o que vi.”

*Estudo Sobre a Nuvem, 2018
7,5 x 18,5 cm
Acrílico sobre papel Fabriano 200gr*





*Estudo Duplo sobre o céu
(ou as montanhas), 2018
32 x 57 cm
Acrílico sobre papel Fabriano
200gr*



*Ensaio sobre as paisagens,
2018
20 x 20,5 cm
Acrílico sobre papel Fabriano
200gr*



*Ensaio sobre as montanhas
(ou o céu), 2018
19 x 24,5 cm
Acrílico sobre papel Fabriano
200gr*



*Ensaio sobre o céu, 2018
76,5 x 56,5 cm
Acrílico sobre papel Arches
300gr*



Ensaio sobre o céu II, 2018
76,5 x 56,5 cm
Acrílico sobre papel Arches
300gr

MARTA PENEDA



Marta Peneda nasceu em 1992 no Porto, onde actualmente reside, trabalha e estuda. Concluiu o curso de Produção Artística na escola Artística de Soares dos Reis e Licenciou-se em Artes Plásticas no ramo de Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Actualmente frequenta o Mestrado em Artes Plásticas na mesma instituição, dando continuidade à especialização na Pintura.

A arte do mau gosto.

A Pintura assemelha-se à Pornografia no momento da sua recepção. Quando as questões são sobre os limites da moral, o receptor é crucial no seu papel de crítico, ao validar (ou não) certos conteúdos. Influenciadas pelos simbolismos portugueses, a cultura "Chunga" e Pimba e um inseparável humor picante, surgem na pintura narrativas visuais com fortes cargas sugestivas e elementos figurativos

que se relacionam nas composições, invocando o observador para que tenha um papel activo nesta relação. Cada vez mais estes conceitos são potenciados através de novas reflexões, com a introdução de outro tipo de materiais e o uso da manipulação de imagens que acabam por se apropriar da estética Pop e Kitsch, ao criar um novo contexto pictórico de um universo que tenta apelar aos sentidos.

Ninguém consegue meter à primeira, 2018

80cm x 60 cm

*Tinta acrílica, Bordado e fita-cola
s/ tela (dos Chineses)*



NUNO CORDEIRO



Nuno Cordeiro nasceu em 1974, em Espinho. Vive e trabalha em Mozelos, Santa Maria da Feira. Licenciado em Design pela Escola Superior de Arte e Design de Matosinhos. Mestre em Escultura, pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Expõe desde 2004.

“O Antigo Egito e a Mesopotâmia alargaram a consciência de espaço da humanidade, aumentando a consciência do vertical e do horizontal, de massa e volume, construindo os seus exemplares nas formas elevadas de pirâmides, zigurates e templos” tradução própria (Yi-Fu Tuan, 1977, p. 108).

A função dos zigurates seria a de servir de escada, para que os deuses pudessem descer do céu à terra. Na pintura “Ruínas de Eridu” a referência a qualquer tipo de construção passa despercebida. Os blocos de adobe com mais de 5000 anos transformaram-se numa

colina. Através da transformação da matéria, os vestígios de qualquer desenho geométrico perderam lugar para uma morfologia natural. A ruína encerra sempre um estado de nostalgia, nem sempre apelativo pois a degradação confronta-nos com a nossa mortalidade, com o estado efémero das nossas acções.



Ruinas de Eridu, 2018
Óleo sobre tela
Díptico 2 x (50 x 40 cm)

ÓSCAR ALMEIDA



Desde cedo manifestou a sua aptidão para as artes, mas teve de seguir a sua vida profissional noutra área por razões conjunturais, no entanto manteve sempre uma forte ligação às artes em especial à pintura. Logo que lhe foi possível dedicou-se mais intensamente ao estudo e pesquisa de técnicas e estudo da cor de forma a desenvolver um estilo artístico mais pessoal e intimista.

"...Óscar Almeida trabalha a composição subvertendo fronteiras, mas fá-lo de forma meticulosa, construindo um universo quase onírico, criando uma relação imediata de empatia com o observador. Convida-nos a seguir o seu ponto de vista através das construções multiespaciais que nos propõe, tornando-nos cúmplices de um código cheio de símbolos transformados em imagens de um evidente sentido poético.

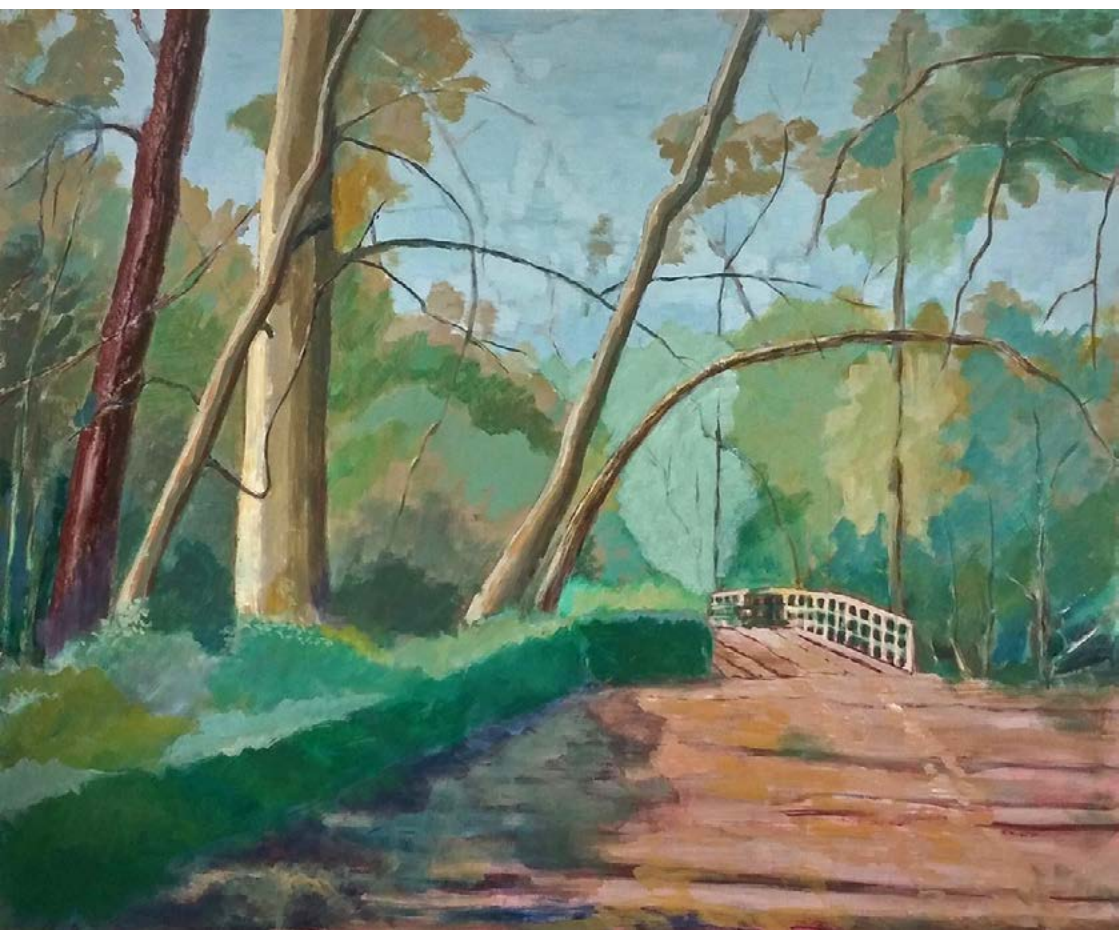
A sua obra é, toda ela, eivada

de uma enorme subtilidade, de um irónico distanciamento. Reflexão pessoal sobre ritmos, imagens, vivências, olhares, sobre a vida que vai percorrendo, integrado no movimento contínuo da existência, ultrapassando o condicionalismo de influências latentes, imaginando a evidência.

"Óscar Almeida evoca aquilo que não está presente, rejeita realidades institucionais, distancia-se de forma crítica utilizando a sua experiência, nunca sendo, no entanto, ultrapassado pela sua representação".

Sérgio Azeredo I
presidente do Círculo Experimental
dos Artistas Plásticos de Aveiro –
AveiroArte.

Expõe regularmente, nomeadamente em Portugal, Espanha, Estados Unidos, França, Bélgica, Holanda e Japão e Angola. Participando quer em exposições colectivas, quer individuais.



Choupal, 2018
80 x 90 cm
Acrílico sobre Tela



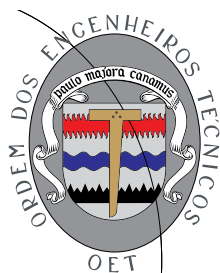
Silhuetas II, 2018
60 x 120 cm
Acrílico sobre tela





Silhuetas, 2018
60 x120 cm
Acrílico sobre tela





ORDEM DOS
ENGENHEIROS
TÉCNICOS